

TRÊS CAMINHOS DE JUBIABÁ: IMAGENS DO NEGRO NAS ADAPTAÇÕES E RELEITURAS DA OBRA AMADIANA

Aline Santos de Brito Nascimento (UFES/UNEB)

alinemacuco@hotmail.com

Aline de Souza Colatino (UNEB)

colatino87@gmail.com

Samanta Teixeira Oliveira (UNEB)

samanta.oliveira5@hotmail.com

RESUMO

A identidade afro-brasileira é aqui analisada a partir da produção literária de Jorge Amado e suas adaptações. Especificamente apresenta-se a obra *Jubiabá* e suas adaptações para cinema (1986) e quadrinhos (2009). A importância do desenvolvimento da pesquisa se pauta na possibilidade de se discutir e fomentar uma mudança de postura relacionada à interpretação de fatos histórico-culturais a partir dos estudos literários. O estudo tem como objetivo geral analisar as evidências de tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade negra presentes nas adaptações da obra amadiana *Jubiabá*. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar a literatura amadiana, bem como os produtos adaptados a partir de sua obra; identificar os traços da identidade afro-brasileira retratados na obra; analisar e comparar aspectos de tradição e tradução integrantes das culturas abordadas na obra que permitam classificá-las como híbridas. O trabalho usa o método indutivo, justificando o corpus escolhido como representação da identidade cultural pesquisada. Os pressupostos teóricos discutem sobre deslocamento e raça (BHABHA, 2001); identidade e memória coletiva (CASTELLS, 1999); características etno-raciais (SCHWARCZ, 1993); lógica binária negro/branco e autóctone/estrangeiro (BERND, 2003); candomblé (SALAH, 2008); ficção e não-ficção (BOSI, 2013); história (CERTEAU, 2011); literatura negra (ALVES, 2002); silêncio dos marginalizados (DALCASTAGNÉ, 2012); cultura negra na literatura amadiana (SOUZA, 2007); e miscigenação (PATRÍCIO, 1999). Os resultados da pesquisa buscam demonstrar que o respeito às identidades culturais diversas deve ser propagado através da divulgação da literatura e outras artes e propõem confirmar a hipótese de que a literatura e suas releituras colaboram para a formação crítica do cidadão e a valorização das minorias étnicas.

Palavras-chave: Identidade negra. Jorge Amado. Mídias.

ABSTRACT

Afro-Brazilian identity is analyzed here from Jorge Amado's literary production and its adaptations. Specifically the work *Jubiabá* and its adaptations for cinema (1986) and comics (2009) is presented. The importance of the development of the research is based on the possibility of discussing and promoting a change of attitude related to the interpretation of historical and cultural facts based on literary studies. The study aims to analyze the evidence of tradition, translation, hybridism and resistance of black identity present in the adaptations of *Jubiabá*; and specific characterize the Amadian literature, as well as the products adapted from his work; identify the Afro-Brazilian identity traits portrayed in the work; analyze and compare aspects of tradition and translation that are part of the cultures approached in the work that allow them to be classified as hybrids. The work uses the inductive method, justifying the corpus chosen as a representation of the researched cultural identity. The theoretical assumptions argue about displacement and race (BHABHA, 2001); identity and collective memory (CASTELLS, 1999); ethno-racial characteristics (SCHWARCZ, 1993); black/white and native/foreign binary logic (BERND, 2003); candomblé

(SALAH, 2008); fiction and nonfiction (BOSI, 2013); history (CERTEAU, 2011); black literature (ALVES, 2002); silence of the marginalized (DALCASTAGNÉ, 2012); black culture in the Amadian literature (SOUZA, 2007); and miscegenation (PATRÍCIO, 1999). The research results seek to demonstrate that respect for diverse cultural identities should be propagated through the dissemination of literature and other arts and propose to confirm the hypothesis that literature and its readings contribute to the critical formation of citizens and the appreciation of ethnic minorities.

Keywords: Black identity. Jorge Amado. Media.

1. Introdução

A pesquisa aborda a identidade afro-brasileira a partir da produção literária de Jorge Amado e suas adaptações, analisando seus traços de tradição, tradução e hibridismo. Para tal, apresenta-se aqui a obra *Jubiabá* e suas adaptações para cinema (1986) e quadrinhos (2009). A importância do desenvolvimento da pesquisa se pauta na possibilidade de se discutir e fomentar uma mudança de postura relacionada à interpretação de fatos histórico-culturais a partir dos estudos literários, envolvendo a observação da arte em seus diversos formatos. O estudo de determinadas obras de Jorge Amado evidencia diversos aspectos da história e cultura afro-brasileira, bem como história e cultura dos povos africanos, que se fazem presentes a partir das ações relatadas sobre seus personagens em grande parte de suas narrativas; e torna-se interessante observar de que modo ocorre a releitura de tais elementos em algumas adaptações artísticas.

O estudo tem como objetivo geral analisar as evidências de tradição, tradução, hibridismo e resistência da identidade negra presentes nas adaptações da obra amadiana *Jubiabá*. Como objetivos específicos, buscou-se caracterizar a literatura amadiana, tendo em vista a fortuna crítica acerca do autor e da obra em análise, bem como os produtos adaptados a partir de sua obra; identificar os traços da identidade afro-brasileira retratados na obra; analisar e comparar aspectos de tradição e tradução integrantes das culturas abordadas na obra que permitam classificá-las como híbridas. O trabalho usa o método indutivo, justificando o *corpus* escolhido como representação da identidade cultural pesquisada. A pesquisa também tem caráter qualitativo, pelo método dialético, considerando os fatos em seu contexto social, político, econômico etc. O respaldo para a análise das imagens pauta-se na semiótica, a partir das análises de Lúcia Santaella (2007).

Os pressupostos teóricos discutem principalmente conceitos como deslocamento, marginal, raça, classe, gênero, tradições culturais e híbri-

do, ancorados em Homi K. Bhabha (2001). O estudioso questiona que pensar uma sociedade a partir de uma perspectiva binária acaba se configurando uma forma de exclusão, uma vez que as relações existentes em uma sociedade são muito mais complexas para serem consideradas nessa ótica. Desta forma, numa perspectiva de binarismo, acaba por se criar um indivíduo dominante e outro dominado, pensando que a raças, classes e tradições culturais dominadas acabam sendo colocada em um local de marginalidade, ou seja, exclusão. Assim afirma Homi K. Bhabha:

[...] toda a problemática identitária e as quase obrigatórias exclusões que dela decorrem, precisam ser repensadas para além deste binarismo redutor. Sua contribuição a este impasse é de inestimável importância: ele propõe, para solucioná-lo, a introdução do conceito de “espaço intersticial”. Tal conceito evita que as identidades se estabeleçam em polaridades primordiais. “A passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”. (BHABHA, 1998, p. 22)

Portanto, o ideal é que a sociedade seja pensada levando em consideração o hibridismo, que se configura a partir de uma pluralidade cultural, respeitando a cultura local e as demais, não privilegiando uma em detrimento da outra, entendendo que a sociedade é formada por diferentes traços identitários e culturais que, em algum momento, acabam criando cruzamentos por meio da tradução.

Nessa linha de discussão, Manuel Castells (1999) aborda sobre identidade, memória coletiva, poder, religião e cultura, discutindo de que forma a identidade do sujeito é constituída, e os diversos fatores que influenciam tal constituição. Assim, indivíduos com diferentes especificidades estarão conectados e juntos formarão a memória coletiva. Nesse ínterim, em relação à constituição da identidade, afirma Manuel Castells:

A elaboração de uma identidade empresta seus materiais da história, da geografia, da biologia, das estruturas de produção e reprodução, da memória coletiva e dos fantasmas pessoais dos aparelhos do poder das revelações religiosas e das categorias culturais. Mas os indivíduos, os grupos sociais, as sociedades transformam todos esses materiais e redefinem seu sentido em função de determinações sociais e de projetos culturais que se enraízam na sua estrutura social e no seu quadro do espaço-tempo. (CASTELLS, 1999, p. 18 *apud* MURANGA, 2006, p. 20)

Assim, a criação dessa identidade envolve aspectos como poder, religião e cultura. Nesse ínterim, Manuel Castells identifica a existência de uma identidade legitimadora, que estaria sob posse do poder, favorecendo, desta maneira, determinadas religiões e culturas. Tais aspectos são

estabelecidos pelo homem, que por vezes acaba por manipular a criação da memória coletiva.

Em se tratando da discussão sobre o negro, Lília K. Moritz Schwarcz (1993) chama atenção para suas características etno-raciais, que, durante a década de 70, eram pautadas em teorias raciais que seguiam os moldes europeus, o que acaba por se desvincular do real contexto brasileiro. Tal fator colaborou para aumentar as desigualdades sociais, colocando, desta forma, o negro em um lugar de subalternidade. A autora salienta que, apesar das conquistas da atualidade nos assuntos relacionados às características etno-raciais do negro, ainda se faz necessária a busca por mais avanços, uma vez que o negro, por vezes, ainda é colocado em um lugar de invisibilidade social, na marginalidade.

Zilá Bernd (2003) aborda acerca da lógica binária negro/branco, autóctone/estrangeiro, eu/outro, salientando que, no Brasil, tal perspectiva perdurou por muito tempo e ainda é possível encontrar resquícios na contemporaneidade, uma vez que, no binarismo, existe um dominador e um dominado. Tal fator está evidenciado no fragmento a seguir:

Argumentamos no sentido de mostrar o perigo que constituem as identidades de diferença, baseadas em uma lógica binária (negro/branco; autóctone/estrangeiro; eu/outro), de reconduzirem o racismo, cuja persistência [...] se deve [...] a discursos que surgem para combatê-los, alicerçando-se no binarismo do revide, organizam-se como novas formas de racismo, criando uma cadeia infundável de mútuas exclusões. (BERND, 2003, p. 28)

Desta maneira, pensar a sociedade a partir de uma ótica binária acaba colaborando para a disseminação ainda maior do racismo e consequentemente da exclusão, o que pode acabar contribuindo para o fortalecimento da dominação de uma cultura sobre a outra.

Para contextualizar uma das mais marcantes características culturais afro-brasileiras, pauta-se em Jacques Salah (2008), que discute sobre o candomblé nagô na Bahia, que, segundo ele, na região da Bahia, ainda se mantém de maneira mais organizada. Isso ocorre porque os negros que foram trazidos para o Brasil, além de serem retirados à força do seu lugar de origem, ainda eram obrigados a se submeterem à hegemonia da cultura branca. Desta forma, buscaram outras alternativas para não perderem os aspectos referentes aos seus traços culturais, como, por exemplo, expressarem os nomes de seus orixás por meio dos santos católicos (religião dominante), como uma forma de se esquivar das imposições feitas e assim preservar sua cultura. Com isso, as religiões de matriz africana fo-

ram sendo colocadas em um lugar de discriminação, e em alguns casos acabaram perdendo um pouco de sua essência.

Também são debatidas neste estudo as “fronteiras” da literatura, discutindo o que é ficção e não-ficção, a partir dos estudos de Alfredo Bosi (2013), nos quais o autor argumenta que, em se tratando do texto literário, tal aspecto carece de atenção, uma vez que a literatura não tem compromisso com o real. Por vezes, dentro da narrativa do texto literário, a ficção e a não-ficção acabam se cruzando, sem que seja necessário traçar uma “fronteira” delimitando onde começa e termina, pois a literatura tem a liberdade de mesclar os dois aspectos.

A perspectiva teórica de Michel de Certeau (2011) pauta-se na defesa da participação ativa do leitor na história, pois, segundo ele, o leitor não vai se colocar no lugar de autor, mas pode reescrever a história, colocando suas impressões, suas vivências. A obra, nesta visão, não pertence somente ao autor; o leitor e sua recepção também constituem a obra. Michel de Certeau propõe que o leitor pode refazer a história, sem substituir o autor, ou até mesmo ser confundido com este.

Para abordar literatura negra, este estudo se pauta em Mirian Alves (2002), sobre a constituição da escrita: “Uma das principais características da literatura negra deu-se através de atitudes literárias de organizar a fala através do coletivo, promovendo mudanças culturais [...]” (ALVES, 2002, p. 224). Desta maneira, é por meio da literatura que os negros encontraram uma maneira de defendem sua identidade e lutam por seus direitos.

Regina Dalcastagné (2012) argumenta sobre o silêncio dos marginalizados, ou seja, aqueles grupos que, por vezes, foram oprimidos pela cultura tida como “dominante”, sendo postos em uma posição de silenciamento. O autor defende que se torne mais acessível o alcance à obra literária, para que tais grupos possam cada vez mais se colocar e expressar suas vozes, desta maneira afirma:

Sendo assim, em toda narrativa se disputam desde o direito de contar a própria história – com as implicações que esse processo acarreta, especialmente o que diz respeito à demarcação da identidade – até a possibilidade de reinterpretar o mundo, ainda que lhe emendando um outro [...]. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 96)

Assim, os grupos já mencionados, mesmo enfrentando as barreiras impostas pela cultura dominante, lutam para contarem sua própria história, buscando o fortalecimento de sua identidade e cultura.

Discute-se também sobre a cultura negra na literatura amadiana, partindo da perspectiva de Marina de Melo e Souza (2007). Para o crítico, Jorge Amado possui uma temática afro-brasileira em sua escrita, abordando aspectos da cultura negra em sua literatura, e por vezes apresenta o negro como protagonista em suas histórias. Suas obras possuem como cenário a Bahia, região do Brasil onde a cultura negra é mais evidenciada. Para exemplificar tais questões, pode-se citar *Jubiabá*, obra em análise, que apresenta características da cultura negra, como o fato de a religião predominante ser o candomblé, além de trazer um negro como protagonista em seu enredo. O trecho a seguir destaca a relação de Jorge Amado com a cultura negra:

Menino de quatorze anos comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa, a perseguição aos orixás, a violência desencadeada contra pais e mães-de-santo, iaios, ekedes, ogans, babalaós, obás. [...] os lugares sagrados invadidos e destruídos, iyalexorixás e babalexorixás presos, espancados, humilhados [...]. (AMADO, 1993, p. 71)

Desta forma, nota-se que o autor explorava em suas obras aspectos de tal cultura como uma das formas de tentar chamar atenção para o lugar de marginalização em que o negro era colocado. Partindo desta ótica, o centro de muitas de suas narrativas é a cultura negra, como uma das formas de tentar romper com a nociva hierarquização existente.

Por fim, buscou-se respaldo teórico para tratar sobre a miscigenação, e Rosana Ribeiro Patrício (1999) colabora para a compreensão da lógica binária branco *versus* negro, que, além de ser excludente, não serviria para caracterizar o contexto brasileiro. Neste cenário, propõe-se a miscigenação, e Jorge Amado vai concordar com tal entendimento do termo, o que é possível perceber no trecho a seguir:

O escritor defende a miscigenação como única solução para o problema dos chamados conflitos raciais. Por esse prisma, no caso brasileiro o mestiço surge como tipo ideal para representar a nacionalidade. Assim se compreende a sua preocupação em criar personagens que representem esse ideal: são mestiços que aparecem em suas narrativas a exemplo de Pedro Arcanjo, de *Tenda dos milagres*, em sua militância contra o racismo [...]. (PATRÍCIO, 1999, p. 80)

Assim sendo, é possível perceber, nas produções amadianas, a presença desta mestiçagem, pois elas são compostas por pessoas de diferentes etnias, o que se caracteriza também pelo fato de obras deste autor possuírem um caráter híbrido, ou seja, nas quais são retratadas pessoas de

diferentes culturas vivendo em um mesmo lugar, como o caso do cenário da Bahia.

Em se tratando da relação entre o autor Jorge Amado e a temática do negro, Jorge de Souza Araújo (2008) o considera dotado de um texto múltiplo e heterogêneo, luta de classes em função dos embates de afirmação das forças populares, da democracia étnica e do hibridismo cultural, com os consequentes padrões de desdobramentos da miscigenação étnica e social e da tolerância política, religiosa e ideológica. Em conformidade a essa afirmação, o próprio Jorge Amado (1993) busca explicar a sua relação tão próxima da cultura negra:

Comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa. Tais misérias e a grandeza do povo da Bahia são a matéria-prima de meus romances.

2. Desenvolvimento – resultados da pesquisa

Os resultados desta pesquisa buscam demonstrar que o respeito às identidades culturais diversas deve ser propagado através da divulgação da literatura e outras artes, e propõem confirmar a hipótese de que a literatura e suas releituras colaboram para a formação crítica do cidadão e a valorização das minorias étnicas. A partir de um levantamento da biobibliografia de Jorge Amado e das adaptações em artes visuais de suas obras, foi selecionada para análise a obra amadiana *Jubiabá* (1935) e também as adaptações da mesma obra em formato de história em quadrinhos (HQ) e filme. Foram selecionadas a história em quadrinhos *Jubiabá de Jorge Amado* (2009), de Spacca, e o filme *Jubiabá* (1987), de Nelson Pereira dos Santos. A análise se detém na verificação e comparação das apresentações do negro e de alguns aspectos que compõe a identidade cultural desse povo. É fato que os objetos em análise se tratam de artes diferentes e a ideia da pesquisa não é apontar a fidelidade ou não que as releituras exercem em relação à obra de Amado, mas a identificação que as imagens do negro que são apontadas nas versões.

Para isso, o personagem protagonista da obra amadiana já citada, Antônio Balduino, apelidado por Baldo, é um negro apresentado na sua fase adulta como o destemido, o bom de briga, o de corpo físico alto e ágil, assim como demonstrado nestes trechos em análise: “[...] continuaram a torcer pelo negro alto que era campeão baiano de peso-pesado” (AMADO, 1935, p. 17); assim como no trecho:

[...] o negro livrou o corpo com um gesto rápido e como a mola de uma máquina que se houvesse partido distendeu o braço bem por baixo do queixo de Ergin, o alemão. [...] A multidão rouca, aplaudia em câoro: ‘BALDO’... ‘BALDO’ (AMADO, 1935, p. 19)

Esses mesmos aspectos também são apresentados em uma das passagens presentes na adaptação feita por Spacca: o personagem de Antônio Balduino é posto nas lutas como o destemido, ele é o preferido e o ovacionado pelos espectadores. Além disso, o físico corporal do protagonista é apresentado não somente como o alto, mas também de forma escultural e robusta, semelhante à dos guerreiros medievais. O adversário de Baldo, o alemão, é identificado nessa passagem apenas como o “Branco”. Percebe-se ali uma relação de superioridade de Antônio Balduino, que é negro e tem o seu nome exposto por completo, que autoafirma a sua posição de macho e invencível. Isso é perceptível na seguinte passagem do quadrinho de Spacca (2009, p. 6):



Figura 1 – Ilustração da história em quadrinhos. Fonte: SPACCA (2009, p. 6)

Na adaptação filmica feita por Nelson dos Santos, o personagem de Baldo tem as suas qualidades de lutador tratadas de maneira semelhante à obra amadiana e à história em quadrinhos. Na passagem da luta, o protagonista tem seu lugar de destaque, como é perceptível na imagem

da cena, na qual a plateia aplaude comemorando a vitória certa de Baldo, porém o personagem não tem o corpo esculturalmente definido, ou seja, não há uma idealização desse corpo negro: percebe-se um homem de estatura mediana e magro. Isso pode ser observado no trecho seguinte (43'40''):



Figura 2 – Cena do filme. Fonte: Nelson dos Santos, 1987.

Desta forma, percebe-se que há um lugar de destaque atribuído ao negro na obra e nas adaptações de *Jubiabá*. Baldo é tido pelos demais personagens como um ídolo invencível nas lutas, sua habilidade com a luta se dá também pelo fato de ele dominar a arte da capoeira, essa que faz parte da identidade cultural africana e que também é abordada nesta pesquisa.

Outro aspecto analisado é a presença da capoeira e do samba tocado pelo violão, pois essas artes são tidas como uma parte dos símbolos da identidade da cultura afro-brasileira. Jorge Amado, em sua obra, tece uma forma de valorização dessas artes, destacando o orgulho que o negro tem em dominá-las e reafirmá-las como parte de si, como também, a importância em mantê-las vivas, ao passo que, desde a infância, os garotos do Morro do Capa Negro, lugar em que mora Baldo, são instruídos à aprendizagem da capoeira e do violão. Tais características são perceptíveis no trecho a seguir, que retrata um episódio que compõe uma parte da infância de Antônio Balduino:

[...] Zé Camarão tinha duas grandes virtudes para Antônio Balduino: era valente e cantava ao violão. [...] Zé Camarão passava horas e horas ensinando aos garotos do morro o jogo da capoeira, tendo uma paciência infinita com eles. Rolava no chão com os moleques, mostrava como se aplicava um rabo-de-arraia, como se arrancava o punhal da mão de um homem. Era amado pela garotada que o queria como a um ídolo. Antônio Balduino gostava de andar com

ele, de ouvir o desordeiro contar casos da sua vida. E como já era o melhor aluno de capoeira queria também aprender violão. (AMADO, 1935, p. 29)

As apresentações dessas artes também estão presentes na adaptação em história em quadrinho de *Jubiabá* (1935), quando há a presença da capoeira e do samba de viola, e essas são colocadas como virtude daqueles que as dominam. É uma forma de valorizar o negro e a sua cultura, que muitas vezes e em outros meios são qualificados de maneira negativa, nos quais aqueles que dominam essas artes são tidos como baderneiros. Na história do Brasil, o praticante dessas artes, que eram proibidas, ou seja, o que ousava transgredir, era preso e castigado de alguma forma.

Na adaptação feita por Spacca, o riso estampado nos rostos de Zé Camarão e de Antônio Balduino deixa evidente a satisfação no ensinar e aprender do jogo de capoeira e da música, como no trecho da história em quadrinhos (SPACCA, 2009, p. 10):



Figura 3 – Ilustração da história em quadrinhos. Fonte: Spacca, 2009, p. 10.

Na obra fílmica, há cenas distintas do filme em que o produtor Nelson dos Santos apresenta a roda de viola e de capoeira. Primeiramente na cena (1'05'') que será identificada como Figura 4, a roda de viola é composta por homens do Morro Capa Negro e Baldo, juntamente com os outros garotos do morro apenas apreciam a cantoria. Em relação à capoeira, Baldo e seu grupo estão numa roda de capoeira e tem-se como cenário uma praça que compõe a capital baiana. Na cena, percebe-se também uma satisfação que o grupo tem em dominar a arte, porém há uma plateia

composta pela elite soteropolitana, a qual fornece alguns trocadilhos para os garotos. Dessa forma, a capoeira é também colocada como uma apresentação exótica em que o público se surpreende e “retribui”. Isso é perceptível na cena seguinte (22’15”), que será identificada como Figura 5:



Figura 4 – Cena do filme. Fonte: Nelson dos Santos, 1987.



Figura 5 – Cena do filme. Fonte: Nelson dos Santos, 1987.

Assim, percebe-se que tais manifestações culturais, a capoeira e o samba de viola, são apresentadas como parte da construção da identidade afro-brasileira. Fica evidente, no texto verbal e nas faces dos personagens, uma satisfação e um reconhecimento dessas artes. Nesse contexto, desde a infância a capoeira e o samba já estão internalizados, configurando, assim, uma forma de permanência dessa cultura que enaltece o povo negro.

Por fim, outro aspecto a ser analisado é a representatividade que a religião de matriz africana, o candomblé, tem na obra de Amado e nas suas adaptações. Como símbolo dessa representação será destacado o personagem do pai de santo Jubiabá. Na obra de Jorge Amado, o personagem do pai de santo é apresentado em posição de destaque e de respei-

to; há uma confiabilidade depositada no líder religioso, por parte dos moradores. Além disso, o nagô e as plantas medicinais, que são também característicos da identidade cultural africana, estão representados pelo personagem, como no trecho a seguir:

[...] Jubiabá trazia sempre um ramo de folhas que o vento balançava e resmungava palavras em nagô. Vinha pela rua falando sozinho, abençoando, arrastando a calça velha de casimira em cima da qual o camisu bordado se oferecia ao capricho do vento como uma bandeira. Quando Jubiabá entrava para rezar a velha Luísa, Antônio Balduino corria para a rua. Mas já sabia que a dor de cabeça da velha passaria. (AMADO, 1935, p. 26)

Outra reafirmação do respeito atribuído a Jubiabá e a importância dele para os moradores do morro está no texto analisado a seguir. Além disso, a sabedoria de vida que ele tinha fazia com que ele fosse o instrutor para aquela comunidade, logo percebe-se o respeito ao *candomblé* e ao líder, como no seguinte trecho:

[...] Até Jubiabá aparecia em certos dias e também contava velhos casos, passados há muitos anos e misturava tudo com palavras em nagô, dava conselhos e dizia conceitos. Ele era como o patriarca daquele grupo de negros e mulatos que morava no Morro do Capa Negro em casas de sapato, cobertas de zinco. Quando ele falava todos o escutavam atentamente e aplaudiam com a cabeça, num respeito mudo. (AMADO, 1935, p. 29)

No texto adaptado por Spacca, pode-se perceber a importância que Jubiabá tem para aquele povo, pois, quando a personagem de Luísa, tia de Baldo, está atacada por um forte dor na cabeça, é no pai de santo que depositam a confiança para se obter a cura. Além disso, quando o pai Jubiabá, com seus ramos de folhas, passa pelo morro, as pessoas param o que estão fazendo, ficam de pé e os homens tiram seus chapéus como forma de reverência e respeito. Isso é perceptível no seguinte quadro acima (Figura 6).



Figura 6 – Ilustração da história em quadrinhos. Fonte: Spacca, 2009, p. 8.

Há também uma releitura feita por Nelson dos Santos desses aspectos em seu filme: o pai de santo tem seu lugar de evidência e reverência quando passa. Isso é perceptível na cena (1'37") representada pela Figura 7, na qual duas mulheres se levantam para cumprimentá-lo, porém, no lugar dos ramos de plantas, o personagem carrega consigo livros, e responde aos cumprimentos em nagô, dizendo "axé". Ele também é procurado por Baldo e por outros moradores do morro quando a enfermidade e a angústia chegam. Quando Baldo vai até a casa do líder para pedir ajuda, na cena, Jubiabá está sentado na sua poltrona e fazendo leituras de livros e a sua sala é cheia deles, dando, assim, a ideia de que, além da sabedoria popular, há também a intelectualidade e o conhecimento fornecidos pelos livros, como apresentado na cena (6'32") da Figura 7.



Figura 7 – Cena do filme. Fonte: Nelson dos Santos, 1987.



Figura 8 – Cena do filme. Fonte: Nelson dos Santos, 1987.

Portanto, fica evidente que a representação da religião, língua e outros que compõem a identidade do povo negro têm lugar de relevância na obra amadiana, nas adaptações e principalmente na construção do ser da comunidade negra do Morro do Capa Negro. Assim, o respeito que é atribuído ao pai de santo Jubiabá está também ligado ao respeito à cultura que ele representa e simboliza.

3. *Considerações finais*

As análises realizadas nesta pesquisa apontam para a construção de um personagem que representa a figura do anti-herói, visto que os protagonistas representados por Jorge Amado apresentam uma trajetória contra-hegênica. Como exemplo podem ser destacadas as figuras de Baldo, com sua personalidade insubordinada; Zé Camarão, com a valorização do samba; ou mesmo do pai de santo Jubiabá, com a religiosidade de matriz africana.

Os elementos extraídos tanto da análise do texto quanto das imagens levam à interpretação sobre Jorge Amado como um autor que assume o papel de “soldado” que luta contra o preconceito, ou mesmo a violência, vividos pelo povo proveniente da África. Ao se compilar os mo-

mentos em que Amado aborda a temática negra, é notória a valorização desse povo, bem como de todas as suas características culturais.

Em suma, a obra *Jubiabá* se confirma com uma representação ficcional de uma realidade cultural recorrentemente marginalizada e que tem na literatura e em suas releituras um importante espaço de discussão. As ações de resistência protagonizadas pelos personagens amadianos confirmam como mote para a luta pela valorização de um legado que compõe a riqueza cultural que compõe o país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Mirian. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta em fogo cruzado. In: _____. FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: PUC Minas/Mazza, 2002, p. 221-240.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 54. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. *Navegação de cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Floração de imaginários*: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2013.

CASTELLS, Manuel. A era da informação. In: *Economia, sociedade e cultura*, vol. 2. O poder da identidade. Trad.: Klaus B. Gerhardt. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. *Imagens da mulher em Gabriela de Jorge Amado*. Salvador: FCJA, 1999.

- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- SALAH, Jacques. *A Bahia de Jorge Amado*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2008.
- SOUZA, Marina de Melo e. *África e Brasil africano*. 2. ed. São Paulo Ática, 2007.
- SCHWARCZ, Lília K. Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SPACCA. *Jubiabá de Jorge Amado: adaptação e desenhos de Spacca*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.